

TEXTOS REVESTIDOS: INDUMENTÁRIA E IDENTIDADE GAUCHA NO RIO DA PRATA DOS OITOCENTOS

Revisited texts: indumentary and Gaucho's identity in literary and historiographic texts in Rio de la Plata's during the 1800s

Bosak de Figueiredo, Joana; PhD; Universidade Federal do Rio Grande do Sul
joanabosak@gmail.com¹

Resumo

O artigo que se segue é resultado da fase inicial da pesquisa de pós-doutoramento ora desenvolvida junto ao PPG em História da UFRGS, na qual proponho o cotejo de fontes literárias, jornalísticas, historiográficas e iconográficas dos habitantes do Rio da Prata no século XIX a fim de compreender como se dá a “tradução” de uma determinada forma de ser no mundo – os *gauchos* - através da indumentária.

Palavras-chave: indumentária, identidade, *gauchos*

Abstract

This article is the first result of the beginning of my post-doctoral research, developed into PPG in History of UFRGS, in which I propose the comparison of literary, journalistic, historiographic and iconographic sources of Rio de La Plata's habitants in XIX th century, observing the comprehension of the “translation” of a determinated form of being in the world – the *gauchos* - trough indumentary.

Keywords: indumentary, identity, *gauchos*

Há vários anos a professora de literatura espanhola, Regina A. Root, da Universidade William and Mary, nos Estados Unidos, tem se dedicado ao estudo da indumentária e seu papel na construção de identidades sociais e políticas na Argentina do século XIX. Essa pesquisadora percebeu a existência de um material riquíssimo para a compreensão da construção identitária de diversas facetas sociais num período realmente fundador da história platina - o

¹ Pós-doutoranda junto ao PPG em História da UFRGS, com bolsa do CNPq. Dra. em Literatura Comparada, Mestre em História.

imediatamente posterior às independências face à Espanha, a partir de 1810 -, as revistas de Moda e jornais do século XIX.

Diz Root:

As roupas têm funções tão visíveis que se tornam facilmente descartáveis, trivializadas ou totalmente esquecidas. Mas o mesmo casaco que protege também distingue a classe social de alguém, assim como suas afinidades políticas. Na Argentina do século dezenove, vários escritores influentes usaram a trivialidade aparente da moda para importar ideais revolucionários, usando o que pareciam ser descrições inócuas de roupas e tendências de moda. Indo além do relato das inovações na indústria da moda e no detalhamento de novas peças de roupas, estes escritos imbuíram tudo, das pantalonas às anáguas, de um significado radical no espetáculo de uma esfera pública emergente. (ROOT, 2002, p. 89)

Continuando sua análise sobre a identificação política através das roupas, Regina Root reitera que

Em nenhum momento da história da Argentina, o uso retórico da moda ganharia mais destaque do que durante o período seguinte a independência da Espanha. Nesse momento, o vestuário serviu para identificar membros de partidos opostos numa época em que o espectro político achava-se dividido em duas tendências, os unitários e os federalistas. Os unitários, guiados pela elite intelectual de Buenos Aires, contemplavam as instituições da Europa como modelo progressista e liberal para uma república argentina centralizada. Vestiam a última moda europeia nas tonalidades azul e verde claro. Os federalistas, que se opunham aos unitários, muitos deles proprietários de terras fora de Buenos Aires e desejosos da autonomia de seus líderes locais, exibiam roupas carmesim. Os federalistas usavam bigodes e costeletas, enquanto que os unitários exibiam barba em forma de U para indicar seu apoio ao partido. (ROOT, 2002, pp. 89-90)

Mais recentemente, em livro lançado nos Estados Unidos este ano, intitulado *Couture and Consensus*, Regina Root mantém sua abordagem voltada ao papel da indumentária como expressão de opinião e comunicadora de posições políticas e sociais na Argentina do século XIX. Portanto, vê-se que a autora, mesmo após uma década de estudos continua encontrando fôlego na temática que ora se propõe.

Assim como a autora supracitada, a socióloga também norte-americana Diana Crane, em *A Moda e seu papel social*, demonstra que para se estabelecer a identificação de classes, profissões, gêneros e identidades sociais de maneira geral, a roupa é uma ferramenta de primeira ordem. Em seu livro, resultado de um amplo esforço de pesquisa a fontes iconográficas e demográficas do século XIX nos Estados Unidos, Inglaterra e França, ela

demonstra como o vestuário chamado *reformador* ou *alternativo*, por exemplo, foi fundamental à história da construção das identidades femininas norte-americanas, que ao se vestirem de forma diferenciada se tornaram visíveis do ponto de vista social. A roupa, nesses casos, se tornou mais uma bandeira de luta para mulheres que buscavam espaço fora dos muros domésticos e das profissões tradicionalmente “femininas”.

Diz Crane que:

O vestuário, sendo uma das formas mais visíveis de consumo, desempenha um papel da maior importância na construção social da identidade. A escolha do vestuário propicia um excelente campo para estudar como as pessoas interpretam determinada forma de cultura para seu próprio uso, forma essa que inclui normas rigorosas sobre a aparência que se considera apropriada num determinado período (que é conhecido como moda), bem como uma variedade de alternativas extraordinariamente ricas. Sendo uma das mais evidentes marcas de status social e gênero – útil, portanto, para manter ou subverter fronteiras simbólicas –, o vestuário constitui uma indicação de como as pessoas, em diferentes épocas, vêem sua posição nas estruturas sociais e negociam as fronteiras de status. Nos séculos anteriores, as roupas constituíam o principal meio de identificação do indivíduo no espaço público. Na Europa e nos Estados Unidos, de acordo com o período, vários aspectos da identidade expressavam-se através do vestuário, entre eles a ocupação, identidade regional, religião e classe social. Certos itens usados por todos, como chapéus, eram particularmente importantes, emitindo sinais imediatos sobre o status social atribuído ao indivíduo ou almejado por ele. As variações na escolha do vestuário constituem indicadores sutis de como são vivenciados os diferentes tipos de sociedade, assim como as diferentes posições dentro de uma mesma sociedade. (CRANE, 2006, 21-22).

Assim, quero crer que a exemplo dos nossos vizinhos mais próximos – Argentina, no caso dos estudos de Root – ou distantes – norte-americanos e europeus, na obra de Crane – a indumentária descrita e apresentada em jornais, fotos, livros e textos do século XIX no Rio da Prata foi também uma forma de resistência política e de significação social, como sugerem Roland Barthes e mesmo a obra mais recente de Lars Svendsen (2010), que pensa numa filosofia da Moda.

À falta de estudos minuciosos e referendados no caso do extremo sul do Brasil e na região do Rio da Prata de maneira geral, proponho aqui a análise de textos e imagens a serem consultados em bibliotecas públicas e privadas de Porto Alegre, Pelotas, Montevideu e Buenos Aires que permitam a identificação da indumentária como mais uma forma de narrativa que se sobrepõe aos

discursos já existentes de definição e identificação social, seja regional, nacional ou de classe, profissão e gênero.

A trajetória anterior, nos estudos de Mestrado em História – sobre a identidade regional na fronteira entre Rio Grande do Sul e Uruguai do século XIX – e de Doutorado em Letras – sobre a identidade regional em textos literários de um autor sul-rio-grandense e outro argentino, permeados pela ideia de tradução cultural como epistemologia – parece indicar um percurso que caminha nesta direção: a dos Estudos Culturais, que ampliam e transcendem significativamente o leque de trabalhos interdisciplinares, passando por textos de cunho historiográfico e literário e chegando ao universo das imagens mediado pelas teorias antropológicas e sociológicas e mesmo ao aporte da semiótica.

Moda e Teorias

Embora desde o século XIX mesmo estudos teorizando sobre a Moda tenham sido produzidos por sociólogos como o alemão Georg Simmel – *A Moda*, 1894 -, o estadunidense de ascendência norueguesa Thorstein Veblen, com a sua *Teoria das Classes Ociosas*, de 1895 e o francês Gabriel de Tarde – *As leis da imitação*, 1894 -, esse campo de estudos continuou relegado a um plano infinitamente secundário até bem pouco tempo atrás. Mesmo Thomas Carlyle, com seu *Sartor Resartus*, de 1833-34, se debruçou de forma mais ou menos filosófica e até satírica sobre o tema.

Autores franceses do século XIX, como Honoré de Balzac, Charles Baudelaire e Stéphane Mallarmé priorizaram em suas escritas literárias e críticas a roupa como um fator essencial de compreensão da sociedade em que viviam. Os dois últimos chegaram mesmo a estabelecer estudos críticos sobre o papel da Moda em seu tempo e das modas como novidade e como fatores fundamentais ao advento da chamada Modernidade, perpassada em amplo espectro pela criação literária.

Para melhor aprofundarem a questão, tais autores escreveram sobre o papel das roupas, tendo Mallarmé criado uma “gazette” intitulada *La Dernière Mode*, em circulação entre setembro e dezembro de 1874.

Se esses autores, ao estabelecerem em sua reflexão ainda no século XIX o papel que as roupas conferiam às *personas* que as vestiam, é porque

perceberam as possibilidades de análise que nossa superfície mais palpável tornava visível de uma relação com o mundo exterior. De fato, principalmente no século XIX, o que se cobria e o que se descobria do corpo humano era identificador de uma dada ordem social e do pertencimento a uma classe ou mesmo a uma visão política. No caso feminino, por exemplo, o uso dos espartilhos e das anquinhas tornava as mulheres das classes ociosas ainda mais apáticas, na medida em que impossibilitavam quase que totalmente os seus movimentos corporais.

No caso masculino, a institucionalização de um “uniforme” de trabalho, o terno, constitui-se em um novo dado concernente ao mundo industrialista, sem espaço para babados e cores pasteis anteriormente em voga na indumentária do homem. O papel da ornamentação a partir daí foi conferido especialmente, na sociedade ocidental, às vestes femininas, que além do mais auxiliavam na exposição de um status social do marido.

As vestes femininas são, para Emma Bovary, por exemplo, parte considerável da construção de sua personagem, denotando estados de espírito e mesmo sendo, muitas vezes, motivo de sua ruína. Não por acaso Gustave Flaubert apostou na roupa como uma maneira de melhor apresentar a sociedade que criticava e na qual sua heroína – ainda que com uma postura antitética – estava imersa. Emma, uma consumista desenfreada, muitas vezes aparece em função do traje que usa ou se significa em função dele.

Vê-se, então, que é na literatura, inicialmente, que haverá uma reflexão sistematizada sobre o caráter das roupas na sociedade moderna. Se os textos historiográficos mais percebiam apenas a classificação social através das roupas, é nos textos literários que aparece uma análise de perfis individuais e sociais em função do vestuário.

Além disso, se a roupa pode ser analisada como o é atualmente – como um discurso, uma narrativa (Barthes, Svendsen) – é porque se constitui em fonte ela mesma para análise sócio-cultural de um momento dado, como uma espécie de museu portátil.

O primeiro *dandy*, George (Beau) Brummell, além de ter sido um verdadeiro revolucionário na indumentária masculina do século XIX, foi, ainda, uma inspiração para autores como o próprio Baudelaire e mais tarde, Oscar Wilde, esteta defensor do *dandismo* e da cultura das aparências como a mais

verdadeira possível dentro da sociedade em questão. Com o estilo mais despojado que propôs Brummell, se deu ao homem inglês e posteriormente ao homem ocidental o aspecto mais próximo do discurso indumentário que ele detém até hoje, com a utilização da sobriedade de uma maneira inédita que homogeneizou a parcela masculina da sociedade inglesa da metade final do século XIX. Barbey D'Aurevilly escreveu contemporaneamente sobre o tema ao identificar Brummell como o modelo para o homem de sua época: sóbrio e determinado a fazer de sua aparência uma forma de vida.

A moda deixava, pois, de ser indumentária apenas para se converter em estilo de vida, com uma simbologia própria, o que seria reiterado mais tarde pelo psicólogo inglês J. C. Flügel, em seu tratado sobre aspectos afetivos e sociais das roupas, com trabalhos publicados a partir de 1929, nos quais mostrava serem as roupas, também, além de protetoras, adornadoras e pudícias, comunicantes entre os homens e mulheres e a sociedade em geral.

Em anos bastante subseqüentes, autores como Jean Baudrillard, Pierre Bourdieu, Michel Maffesoli e Gilles Lipovetsky também deitaram sua atenção ao tema da moda em nossa sociedade de consumo como construtoras de identidades, seja pelo âmbito da cultura das aparências, seja pela institucionalização do consumo, ou pela ideia da efemeridade da moda.

Embora a realidade dos Oitocentos na região do Rio da Prata seja bastante diferente da europeia, isso não significa que não seja possível sua análise a partir desse ponto de vista. Que o diga a pesquisa de fôlego de Regina Root.

Além da pesquisadora norte-americana supracitada, a socióloga buenairense Susana Saulquín, professora de Sociologia da Universidad de Buenos Aires, também se aventurou na seara do entendimento da sociedade argentina a partir de seu discurso indumentário. No livro *Historia de la Moda Argentina*, a pesquisadora revela como a roupa foi fundamental naquela sociedade em formação e como a linguagem das roupas favoreceu a formação de grupos sociais específicos e de seus interesses respectivos.

No caso do Rio Grande do Sul, entretanto, a questão da indumentária ainda é extremamente deslocada deste tipo de estudo. O que se encontra é: ou estudos que versam sobre a questão iconográfica da vestimenta do gaúcho, como o trabalho pioneiro da professora Vera Stédile Zattera, de Caxias do Sul;

ou trabalhos ligados à reafirmação das “tradições” inventadas até certo ponto pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho, como é o caso do trabalho de Antonio Augusto Fagundes, intitulado *A indumentária gaúcha*, mas que deixa muito a desejar no quesito pesquisa e fundamentação teórica e historiográfica.

Como meus trabalhos de pesquisa anteriores² já versavam sobre questões de cunho regional e sua identidade referentes ao Rio da Prata configurado como grande área de fronteira, não se pode deixar de pensar, uma vez mais, na região que agrega os costumes ditos “gaúchos”, dentro de uma história que no nosso embasamento historiográfico é comum, bem como de uma literatura com a mesma temática e costumes, comportamento e sociabilidades afins que por obra da construção de Estados nacionais beligerantes em seus limites políticos acaba por ser completamente cindida.

Sabe-se que para fins político-pedagógicos os historiadores do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul acabam por diferenciar os gaúchos em dois grupos em franca oposição: os luso-brasileiros, bons, pacíficos e destemidos e os castelhanos, por sua vez maus, selvagens e incivilizados.

Como em nosso entendimento essa cisão aparece descontextualizada e posterior ao período “de ouro” do gaúcho platino de maneira geral, não há conformidade literária e tampouco histórica nessa separação. Se pensarmos o gaúcho, então, como um representante de toda a região e seus caudilhos ou pares da mesma forma, é possível que se possa pensar a existência de uma comunidade platina comum, em que hábitos, costumes e sociabilidades tenham um mesmo pertencimento intelectual ou mental.

Além disso, não se pode esquecer que a grande metrópole dos anos 1800 é Buenos Aires. O Rio de Janeiro, como capital do Império, envia seus últimos gritos em termos de moda francesa que recebe, mas o grande referencial no Prata é a cosmopolita Buenos Aires, já uma cidade em franca ascensão industrialista, em que as modas se farão se sentir como forma de expressão social.

² Refiro-me aqui à minha dissertação de mestrado, defendida em 2000, com o título: *O Rio Grande de São Pedro entre o Império do Brasil e o Prata: a identidade regional e o Estado nacional (1851 – 1865)*, resultante de uma pesquisa que já havia começado anteriormente quando de minhas primeiras incursões a arquivos como bolsista de iniciação científica; e à minha tese de doutoramento, defendida em 2006, sob o título: *A tradução da tradição: gaúchos, guaxos e sombras. O regionalismo revisitado de Luiz Carlos Barbosa Lessa e de Ricardo Güiraldes*.

Ainda assim, as representações que se fazem dos habitantes do Rio da Prata dos Oitocentos são muito mais focalizadas nos aspectos rurais do que urbanos, embora se encontrem muitas representações dos homens e mulheres urbanos.

Mas o que finalmente diferenciava, em termos indumentários, homens e mulheres do campo e/ou da cidade? Havia trajes específicos?

Seguramente, assim como quero crer que boa parte da indumentária criada ou recriada no Rio da Prata, mesmo em suas capitais, não passasse apenas de cópias das modas europeias, mas que contivesse em si a reunião de estilos locais rearranjados. Desta forma, a moda traduziria também um “ser platino” em função de hábitos, costumes, tecidos, necessidades e aceitação social.

O jornal “La Moda Elegante”, publicado em Madrid durante parte do século XIX, era uma das grandes referências, não apenas de moda, mas de estilo de vida e de direcionamentos de sociabilidades no Rio da Prata dos Oitocentos, sendo lido nos dois países de língua espanhola em questão.

No caso do Rio Grande do Sul, os jornais mais interessantes de serem analisados são os exemplares disponíveis no Museu de Comunicação Hipólito Jose de Costa, como o primeiro jornal do Rio Grande do Sul, *O Diário de Porto Alegre*, *A Federação*, *O Pelotense* e *A Ventarola*, publicados em Pelotas, *O Echo do Sul* e *O Diabrete*, de Rio Grande, *O Fígaro*, *A Sentinella do Sul*, *O Século* e o *Correio do Povo*, de Porto Alegre.

Em relação à literatura do rio-grandense, abordamos os autores do *Partenon Literário* que após 1870 passaram a escrever sobre o Rio Grande do Sul e seus habitantes. No caso da Argentina, existem autores como Estanislao del Campo, Esteban Echeverria, Sarmiento e Jose Hernandez, que refletem sobre o argentino e o *gaucho*, nos ambientes urbano e rural, havendo ainda em *Fausto*, obra principal de del Campo (1866), uma apropriação da ópera de Charles Gounod. A reflexão sobre o *gaucho* assistindo a ópera que fala de si próprio tem relação direta com o uso de uma indumentária que o tira do ambiente rural.

O caso uruguaio, em boa parte, surpreende mais que os anteriormente citados, com a existência de uma figura de proa, como Josefina Lerena Acevedo Blixen, que publica ainda no século XIX escritos sobre a mulher e a

condição feminina de sua época. Ainda no Uruguai, a figura de um escritor como Horacio Quiroga aparece como fundamental na escrita sobre as mulheres de sua época, prefigurando mesmo a reflexão de um autor como Juan Carlos Onetti, que se debruça sobre identidades femininas, notadamente a figura da “mãe gorda” e das adolescentes perversas, por exemplo.

Portanto, dentro de um espectro bastante amplo de fontes dos três países, gostaria de perceber de que maneira essa grande comunidade fronteiriça apresenta um conjunto estético no que tange a indumentária. Há uma unidade identitária nas vestes de homens e mulheres platinos dos XIX? De que maneira a identidade através das roupas apresenta a realidade de seu entorno? Há, no caso platino, um espírito das roupas que se coaduna a uma identidade com fins políticos?

O Rio da Prata como “Região-província das Roupas”

Desta forma, aqui se propõe que a comunidade platina descrita pela história e pela literatura seja unida em suas representações não apenas textuais, mas também iconográficas, em obras já conhecidas ou não tanto, a partir de um novo viés: o do discurso indumentário. A roupa deixa de ser apenas ornamento ou adorno e/ou proteção: ela tem um caráter próprio, expressão de uma época, de uma classe, de um segmento político, de uma região; ela mesma se configura em discurso dotado de sentido intrínseco.

Quero crer que a roupa, então, identifica socialmente e comunica múltiplos valores, como muito já foi dito. No campo ou na cidade, nos diversos afazeres e/ou profissões, a roupa vem acompanhada de uma carga simbólica – como preconizou Roland Barthes em seus estudos sobre a moda, no já clássico estudo *O sistema da moda*, de 1967 – que torna possível, até certo ponto, a decifração de quem a usa como sujeito social atuante.

O habitante do Rio da Prata dos Oitocentos permite, nesta reflexão, a percepção de identidades múltiplas referenciadas pela indumentária. Que identidades e que discursos indumentários são esses é o que nos interessa ver em no projeto e ainda, de que maneira se diferencia esse ser platino e como aparece em imagens ou descrito em textos.

Existe uma questão crucial: se hoje a bombacha é tida como traje “oficial” no caso do Rio Grande do Sul se sabe de antemão que esse tipo de

vestimenta é posterior na região à Guerra do Paraguai, momento em que teria sido introduzida na região, em virtude do contato do exército inglês com as vestes dos cavaleiros orientais quando da Guerra da Criméia.

Até que ponto então, percebe-se que a literatura e a historiografia sacramentaram usos e costumes que não são referidos historicamente? Até que ponto trajes “tradicionais” de fato são apresentados na iconografia e na literatura de época?

Mesmo hoje determinadas regiões argentinas reiteram a utilização de uma indumentária híbrida, muito peculiar, entre usos indígenas, como o poncho e os bordados andaluzes.

Desta forma, este tudo pretende ver também, como a indumentária foi reabilitada ou re-visitada como forma de construção identitária contemporânea e/ou posterior a seu uso, demonstrando que, como o habitante da região do Rio da Prata, a roupa que o identifica, que o reveste e o traduz em imagens, é, também, híbrida e revestida de valores multiculturais porque na fronteira entre o europeu, o autóctone e o mestiço.

Bibliografia de Apoio

ASSUNÇÃO, Fernando O. **Historia del Gaucho**. El Gaucho: ser y quehacer. Buenos Aires: Claridad, 1999.

BARTHES, Roland. **Inéditos vol. 3 – imagem e moda**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **O sistema da Moda**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BAUDELAIRE, BALZAC & D'AUREVILLLY. **Manual do Dândi**. A vida com estilo. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

BETHELL, Leslie (org.). **História da América Latina**. Da Independência até 1870. Vol. III. São Paulo: EDUSP, Imprensa Oficial do Estado; Brasília: FUNAG, 2001.

BOUCHER, François. **Histoire du Costume em Occident**. Paris: Flammarion, 1996.

BOURDIEU, Pierre. O costureiro e sua grife. In: **A produção da crença**. Contribuição para uma economia dos bens simbólicos. Porto Alegre: Zouk, 2008.

- CALANCA, Daniela. **História Social da Moda**. São Paulo: Editora SENAC-SP, 2008.
- CASTILHO, Kathia & MARTINS, Marcelo M.. **Discursos da Moda – semiótica, design e corpo**. São Paulo: Anhembi-Morumbi, 2008.
- CONI, Emilio A. C.. **El Gaucho**. Argentina - Brasil – Uruguay. Buenos Aires: Ediciones Solar, 1986.
- CRANE, Diana. **A moda e seu papel social**. Classe, gênero e identidade das roupas. São Paulo: Editora SENAC, 2006.
- EGUIGUREN & VEGA. **El Poncho**. Buenos Aires: do autor, 2002.
- FAGUNDES, Antonio A. **Indumentária gaúcha**. Porto Alegre: Martins livreiro Editor, 2001.
- FIGUEIREDO, Joana. **A tradução da tradição: gaúchos, guaxos e sombras**. O regionalismo revisitado de Luiz Carlos Barbosa Lessa e de Ricardo Güiraldes. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2006.
- _____. **O Rio Grande de São Pedro entre o Império do Brasil e o Prata: a identidade regional e o Estado nacional (1851 – 1865)**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2000.
- FLÜGEL, J. C. **A Psicologia das Roupas**. São Paulo: Mestre Jou, 1966.
- HERNÁNDEZ, José. **Martín Fierro**. Edición crítica. Madrid; Barcelona; La Habana; Lisboa; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; San José; Caracas: ALLCA XX, 2001.
- MASOTTA, Carlos. **Gauchos en las primeras postales argentinas del siglo XX**. Buenos Aires: Lamarca Editora, 2008.
- RACINET, Auguste. **The Costume History**. Taschen do Brasil, 2009.
- RODRIGUES, Mariana Christina de Faria Tavares. **Mancebos e mocinhas**. Moda na Literatura Brasileira do século XIX. São Paulo: Estação das Letras e das Cores, 2010.
- ROOT, Regina A. **Couture and Consensus. Fashion and politics in Postcolonial Argentina**. Chicago: University of Minnesota Press, 2010.
- _____. **Modelando a nação: escritos de moda na Argentina do século Dezenove**. In: FASHION THEORY. A revista da Moda, Corpo e Cultura. Edição brasileira. Vol. 1, número 1. São Paulo: Editora Anhembi-Morumbi, 2002.

_____. **Searching for the Oasis in Life: Fashion and the Question of Female Emancipation in Late Nineteenth-Century Argentina**

The Americas - Volume 60, Number 3, January 2004, pp. 363-390.

SALOMON, Geanetti Tavares. **Moda e Ironia em Dom Casmurro**. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2010.

SAULQUIN, Susana. **Historia de la moda argentina**. Del miriñaque al diseño de autor. Buenos Aires: Emecé, 2006.

SVENDSEN, Lars. **Moda – uma filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

TRES POEMAS GAUCHESCOS. Estanilao del Campo, Antonio D. Lussich, José Hernández. Buenos Aires: Clarín, 2001.

ZATTERA, Vera Stédile. **Gaúcho**. Iconografia - séculos XIX e XX. Rio Grande do Sul. Uruguai. Argentina. Caxias do Sul: Editora da UCS, 1997.